



**LEI Nº 1.549, DE 9 DE AGÓSTO DE 1956**

Dá o nome de «Haiti» a uma rua da cidade

A Câmara Municipal decreta e eu, Prefeito do Município de Campinas, promulgo a seguinte Lei:

Artigo 1º — Fica denominada «Rua Haiti» a rua 18 do Jardim Nova Europa, que tem início na rua 1 e término em a rua 16.

Artigo 2º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal de Campinas, aos 9 de agosto de 1956.

*Ruy Hellmeister Novais*  
Prefeito Municipal

*Eng. Paulo Silva Pinheiro*  
Secretário de Obras e Serviços Públicos

Publicada no Departamento do Expediente da Prefeitura Municipal, em 9 de agosto de 1956.

O Diretor,  
*Alvaro Ferreira da Costa*



# UM PAÍS INVIÁVEL

O Haiti ocupa o terço ocidental da ilha que Cristóvão Colombo batizou de Hispaniola (os outros dois terços constituem a República Dominicana) e é do tamanho de Alagoas, com pouco menos de 28 mil quilômetros quadrados. Sua população — cerca de 5 milhões — é, entretanto, quatro vezes maior do que a alagoana, o que faz do Haiti o país de maior densidade demográfica da América — mais de 160 pessoas por quilômetro quadrado.

Os negros constituem cerca de 90 por cento da população, os restantes dez por cento são mulatos e há uma insignificante porcentagem de brancos, quase todos de origem sírio-libanesa ou italiana e, em geral, inteiramente alheia ao processo político.

Uma canção folclórica haitiana diz que "atrás das montanhas, há montanhas". E a própria palavra Haiti significa "terra montanhosa" na língua dos arawaks, os índios que Colombo encontrou na ilha. O formato do país lembra uma ferradura, com dois longos braços envolvendo o golfo de Gonaives, no fundo do qual está Port-au-Prince, a capital, com quase meio milhão de habitantes.

Técnicos da Comissão Econômica para a América Latina, das Nações Unidas, costumam dizer que o Haiti é um país "inviável". Aham que a pressão demográfica já atingiu um nível insuportável para um território sem grandes recursos naturais. A produção mineral — bauxita e cobre, principalmente — é pequena. As terras montanhosas já apresentam sérios sintomas de erosão; as terras aráveis dividem-se em dois tipos de propriedade, ambos inadequados: ou o latifúndio (geralmente no Norte) ou o minifúndio, que constitui o maior problema, pois a propriedade média é de 1,25 hectare, insuficiente para o sustento de uma família.

Quando a Revolução Francesa empolgava Paris, havia no Haiti 32 mil franceses, 24 mil *affranchis* (libertos, na maioria mestiços) e 500 mil escravos negros. A colonização francesa começara por volta de 1650, depois que os espanhóis, tendo destruído os índios e esgotado as minas de ouro, abandonaram o território.

Os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade também empolgaram a colônia e, no início do século 19, Napoleão enviou um exército de 25 mil homens, sob o comando de seu cunhado, Leclerc. O objetivo era esmagar uma rebelião comandada por Toussaint L'Ouverture, um ex-escravo que conquistara a patente de general francês nas lutas contra ingleses e espanhóis. Com o apoio dos mestiços, Leclerc obrigou Toussaint a capitular e mandou-o prêso para a França, onde morreu.

A resistência, todavia, continuou a ser mantida por bandos de guerrilheiros, enquanto as doenças tropi-

cais também causavam grandes baixas aos franceses. O próprio Leclerc morreu de febre amarela em fins de 1802 deixando o exército colonial sob o comando do general Rochambeau.

Buscando esmagar a resistência, Rochambeau se esmera em crueldade. Certa vez, convida senhoras negras para um baile em palácio. À meia-noite, as convidadas são levadas a uma peça vizinha ao salão, onde padres entoam o Dies irae diante de uma fila de caixões cobertos de negro. Friamente, Rochambeau explica às damas que elas agora assistiam aos funerais de seus maridos e irmãos.

A revolta é sempre maior. Oficiais mulatos e negros do exército colonial aliam-se aos guerrilheiros e todos concordam em entregar o comando da rebelião ao general Jean-Jacques Dessalines, também um ex-escravo que não sabia ler nem escrever, mas com excepcional capacidade de liderança. Rochambeau capitula em fins de 1803, o Exército francês retira-se do país e Dessalines proclama a independência do Haiti a 1.º de janeiro de 1804.

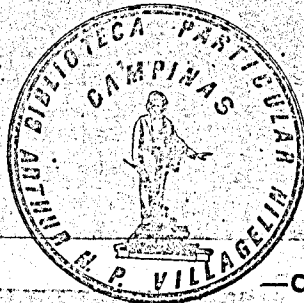
Dessalines não dura muito no poder. É assassinado em 1806 e o país se divide em dois: ao Norte, o negro Henri Christophe proclama-se rei e, ao Sul, o mulato Alexandre Pétion torna-se presidente. Só em 1820, o Haiti é reunificado por Jean-Pierre Boyer, que bate o recorde de permanência no poder, mas é também derrubado em 1843. Os problemas econômicos e sociais não deixam o país viver em tranquilidade. Dos 16 governantes que sucedem a Boyer até 1911, 11 são derrubados por golpes. E, nos quatro anos seguintes, um presidente vai pelos ares com o palácio, outro é envenenado e mais três são derrubados.

No dia 27 de julho de 1915, rebeldes atacam o palácio e o governo manda matar todos os presos políticos. O povo, no dia seguinte, arranca o presidente Vilbrun Sam da Embaixada da França — onde êle se refugia — e o arrasta pelas ruas até a morte. Nessa mesma tarde, fuzileiros navais americanos desembarcam em Port-au-Prince.

A ocupação militar americana durou até 1934, quando o presidente Franklin Roosevelt ordenou a retirada dos marines. Em 1946, uma revolução de caráter popular leva ao poder um presidente negro, após uma longa série de governantes mulatos: Dusarmais Estimé. Algumas reformas são realizadas, mas em 1950 novo golpe derruba Estimé e o coronel mulato Paul Magloire assume a Presidência. Em 1956, o Exército também obriga Magloire a renunciar e, após vários presidentes provisórios em poucos meses, François Duvalier assume o poder em 22 de setembro de 1957.

REALIDADE de JUNHO 1967 - Nº 15

(Revista "Realidade" nº 15 de junho de 1967)



# O Belo, Cruel e Explosivo Haiti

(De Tad Szulc — Exclusivo Para "The New York Times" e O GLOBO)

**P**ÓRTO PRINCEPE, Haiti, julho — A mão de Deus a amarrotou como um pedaço de pergaminho e lançou a sua inesperada forma, erigida de montanhas, na beira ocidental da ilha Hispaniola, nas Antilhas. Através dos séculos, a História nela se divertiu em jogos gloriosos, porém indescritivelmente sangrentos e cruéis; depois deixou-a no esquecimento por um período de quase 160 anos. Tornou-se a primeira República Negra do mundo e o primeiro Estado soberano da América Latina.

Esta terra, tão singular, é o Haiti. Embora parecesse desligada das mares da política moderna e das mudanças econômicas que se processavam em sua volta, tornou-se abruptamente o centro da última crise antilhana, e um assunto de interesse e de profunda prioridade para os Estados Unidos, receosos de que os acontecimentos ali possam levar a um completo desmoronamento da lei e da ordem, e a uma possível tomada do poder pelos comunistas.

## Em Busca da História

O Haiti é uma terra em busca de sua história e grandezas perdidas; e assim age, consciente e instintivamente.

A procura consciente se reflete nos métodos políticos do Presidente François Duvalier, o pequeno ditador de aspecto estranho de feiticeiro, no seu termo preto e de chapéu de feltro com a metralhadora portátil sempre à mão. Tem êle insistido no tema das origens e da identidade negras do Haiti, tentando encaixá-las no molde do novo nacionalismo africano, de preferência à contextura da América Latina, à qual pertence apenas geograficamente.

Superficialmente, o idioma falado no Haiti é o francês — mas só o é para elite. Basicamente, fala-se o crioulo, um amálgama de patoá francês com palavras brestãs, bascas, inglesas, espanholas e africanas. É tão poderoso o crioulo que, segundo um provérbio do Haiti: "saber falar francês não é uma prova de inteligência".

A religião oficial no Haiti é a Católica Romana; mas de fato a população inteira pratica os ritos do vodu, que é a verdadeira religião popular. De mistura com o catolicismo é, segundo o Dr. Jean Price-Mars, autoridade cultural, um sincretismo de crenças combinadas do animismo de Daomé e do Congo e Sudão, levadas pelos escravos que os franceses importaram para povoar a sua colônia.

## Atraso

Pela sua simplicidade e simbolismo é a religião que melhor se adapta à população primitiva e supersticiosa, pois é de 90 por cento ou mais a proporção de analfabetos, e que vive isolada de influências externas. A população oscila entre 4 e 6 milhões de habitantes, não havendo uma certeza absoluta, pois não há recenseamento desde 1950.

A economia do país é a mais atrasada do Hemisfério Ocidental. Estatísticas vagas situam a renda anual "per capita" em 70 dólares, mas esta cifra não tem valor, pois pelo menos 75 por cento dos haitianos vivem inteiramente à margem da economia financeira. Eles suprem as suas necessidades plantando café, sisal e mandioca, alimentando-se com uma absurda média diária de 1.500 calorias, sucumbindo às doenças e à morte numa proporção inigualada nas duas Américas.

O que se pode chamar de cultura nacionalista do Haiti irrompe da soma de fatores lingüísticos, históricos, religiosos, sociais e econômicos. Sob o regime de Duvalier aproximou-se mais de um socialismo negro nacional, em que os brancos e mulatos, que antes dominavam, passaram a ser os párias raciais. Do ponto de vista político, é uma monstruosidade. Socialmente, é uma lastimável tragédia sem nenhuma esperança de um futuro melhor para o país.

## Arte e Beleza

Todavia, de um modo estranho, o Haiti também se apresenta como uma terra de arte e de beleza. Esta se encontra nas flores que recobrem a sua incrível capital, sufocada pelo calor, e nos seus belíssimos panoramas naturais. A arte explode nos tesouros de pinturas primitivas, que retratam melhor do que qualquer tratado de um antropologista a complexa alma haitiana. Veja-se a pintura de um carneiro crucificado numa cruz, no topo de uma colina envolta em nuvens, e compreender-se-á o que o Dr. Price-Mars quer dizer por animismo e vodu, e porque todos os provérbios do Haiti se referem a animais.

Como o resto do mundo subdesenvolvido, somente agora começou a mover-se; e esses movimentos

parecem ter assumido mais a forma de uma busca da história nacional esquecida do que de uma tentativa para adaptar-se ao presente ou ao futuro.

## Glória Passada

A pesquisa de uma nova identidade haitiana tem-se expressado de modo quase patético, no esforço de ressuscitar um passado em que os seus dirigentes, ex-escravos como Toussaint l'Ouverture e Jean Jacques Dessaline, romperam a arremetida de Napoleão nas Américas, e o forçaram a retornar à Europa após haverem dizimado na ilha os exércitos de Leclerc e estabelecido em 1804 a nação soberana do Haiti.

Foram êsses dias sangrentos a glória do Haiti, quando era tal a riqueza da ilha que fez a fortuna dos piratas e levou os franceses a inventarem a expressão: "Rico como um crioulo", e quando nos princípios do século XIX os haitianos subjugarão seus vizinhos dominicanos pelo espaço de 22 anos. Mas hoje em dia nada resta desse passado nem dessa glória, pois o tempo desgastou tanto as montanhas quanto o próprio habitante da ilha. A terra não tem virtualmente esperança alguma de um próximo progresso.

## "Revolução Duvalier"

O Dr. Duvalier, com a sua ditadura negra, apoderou-se da história do Haiti como de um instrumento para perpetuar-se no poder, construindo a lenda da "Revolução Duvalier", utilizando-se da tradição de violência do haitiano, de seu orgulho à flor da pele e de seu profundo misticismo, assim como de sua desesperada necessidade de, pelo menos, uma aparência de justiça social.

Assim, pode ter parecido grotesco, mas na realidade se coaduna com a história haitiana, o fato de o Dr. Duvalier ter fardado as suas tropas com sobrecasacas vermelhas e tricórnios — reencarnação de Jean Jacques Dessalines — a fim de incitar a turba de camponeses em Pôrto Príncipe, por ocasião das comemorações, em maio, do "Mês da Gratidão Nacional", em sua honra.

Foi ainda em harmonia com o clima histórico que a parte principal dessas celebrações do "Mês da Gratidão" constou do "Dia da Bandeira", o aniversário do ato de desafio de Dessalines contra os dominadores franceses, quando a tira branca da bandeira foi rasgada, a fim de que se formasse o pendão do Haiti com um retângulo azul e encarnado. Ao mesmo tempo o Presidente Duvalier estabeleceu relações diplomáticas com o Daomé, a Libéria e a Etiópia, enviou representantes à Conferência Africana de Adis-Abeba, e fez afixar pela cidade de Pôrto Príncipe cartazes reterentes à herança africana. Foi também de acordo com a terrível história do Haiti, que os líderes do regime arengaram à multidão com o velho grito crioulo de Dessalines: "Brule tête, brule kay" (Queime as cabeças, queime as casas), com que os dirigentes dos escravos chefiam as turbas negras por ocasião dos terríveis massacres de brancos e mestiços em 1791 e 1803.

## Herança de Violência

A herança de violência talvez seja a única constante na história do Haiti, e o Dr. Duvalier e seus adeptos dela se têm servido nas formas mais primitivas ao lado de métodos modernos de terror policial, para poder manter intacta a sua ditadura.

As milícias de Duvalier e a força militar do regime oficialmente conhecida como Movimento de Renovação Nacional, mas que o povo pitorescamente chama de "Tonton Macoutes", o que na língua crioula é uma alusão à lenda folclórica de um mau espírito) consideram o assassinato e sevícias como atos normais da segurança do Estado. Nessa terra aterrada os relatos de execuções realizadas com requintes de crueldade são comuns. Os inimigos do regime são crucificados, metralhados nos cárceres e nos seus próprios lares ou torturados pelos "tontons". Duvalier, em abril último, desbaratou uma conspiração militar, que resultou talvez na execução de 100 ou 200 pessoas na prisão de Fort Dimanche.

Também a humilhação tem sido outra das armas favoritas desse regime de opressão. O ditador negro força cidadãos conceituados, possivelmente adversários seus, a fazerem discursos em público elogiosos à sua pessoa.

As características brutais da "Revolução Duvalier" explicam porque os poucos técnicos e professores haitianos foram empregar-se no Congo,

e porque parte da já diminuta elite local se encontra refugiada nas embaixadas da América Latina, ou exiladas.

Mas se o terror é um fator sempre presente na vida do Haiti o seu contraste é a alegria do povo, a sua sensibilidade e o seu gosto pelo fausto.

## Política e Folclore

A política invadiu o folclore para criar a figura exageradamente benevolente de "Papai Doc", outro nome dado ao Dr. Duvalier; e canções de origens africanas, de mistura com bambos e merengues, têm sido entoadas com líricos louvores ao Presidente. Uma destas tipicamente se refere ao "Petit Bon Dieu" (O Pequeno Bom Deus), que fornece tudo o que for bom, e, portanto, concedeu ao povo a dádiva de um Duvalier.

Aglomerados diante do Palácio Presidencial, os camponeses dançam e cantam loas à glória do Presidente. As bandas de música "rah-rah", conjunto de tambores e longas flautas de bambu, desfiliam pelas ruas empoeiradas da cidade, ao som das canções em louvor de Duvalier.

Concluir-se, todavia, dessa obediência de atos-matos que o povo apóia Duvalier, é aplicar a esta terra as normas políticas de outros países. O máximo que se pode dizer dessas demonstrações populares é que a própria política de pompa de Duvalier fornece às massas a sua única fonte de distrações e alívio da miséria de sua vida diária.

O Dr. Duvalier, médico e etnólogo com uma profunda compreensão de sua pátria, é ele próprio, uma figura de um estranho misticismo que dizem ter no seu círculo mais íntimo um sacerdote vodu, tem sabido explorar todas essas características de seu povo em seu proveito.

No Haiti, para justificar a propaganda social revolucionária de Duvalier, encontram-se dois inacabados projetos de parque proletário virtualmente desabitados, e que como era de se esperar tem o nome do ditador, e de sua esposa Suzanne Duvalier. Também uma estrada para o sul foi inaugurada umas três ou quatro vezes, mas ainda não conduziu a parte alguma. O único projeto sério de desenvolvimento é o de irrigação do Vale de Artibonite; e foi interrompido quando os Estados Unidos, horrorizados pela corrupção do regime, suspendeu toda a ajuda financeira ao país.

## Fôrças Desencadeadas

Mas, indiscutivelmente, com sua demagogia e os seus apelos para que se desperte o passado africano do Haiti, o Dr. Duvalier desencadeou uma nova série de fôrças explosivas que bem podem, no final, favorecer os comunistas, pois a alma popular, despertando, não terá nenhuma alternativa racional.

A desesperança do Haiti começa, evidentemente, com suas montanhas. A erosão já deu conta de muitas das terras cultivadas na época dos franceses. A reforma agrária, o grito das revoluções modernas, não tem aqui nenhum significado, pois não existem propriedades extensas e a terra é quase sempre improdutivo. O mercado consumidor é tão reduzido no presente que um desenvolvimento industrial em grande escala não é realizável.

Soluções políticas são evidentemente necessárias, e se um governo honesto atingir algum dia o poder talvez possa colocar o Haiti no caminho que o levará ao século XX.

## Contrastes

Mesmo dando uma volta superficial por Pôrto Príncipe, infinitamente melhor que o resto do país, os contrastes são enormes. As mansões da reduzida elite de negociantes e fazendeiros ladelam as favelas da população pobre. Nas ruas da cidade baixa, sem pavimentação, crianças nuas pedem esmolas por entre a fila de carros oficiais. Ao longo da Avenida Harry Truman que bordeja o mar, porcos e cabras catam restos de comida. Os modernos edifícios governamentais, orgulho da cidade, são restos de uma feira internacional. Mulheres do povo, quase nuas, perambulam pelas ruas com latas d'água na cabeça.

As infundáveis aparições do ditador na sua limusine negra atrás do cortejo cerimonial conduzido por uma banda militar e composto de motocicletas com sirenas gritantes, de caminhões carregados de tropa, e do seu carro blindado, denunciam, com sua nota dissonante, mais uma fraude da "Revolução Duvalier" e mais uma melancólica tentativa de restituir ao Haiti um lugar no Mundo e na História.



Uma república americana que conserva o acervo cultural dos franceses

Em 1626, piratas franceses e ingleses estabeleceram-se na pequena ilha de Tortuga e de lá expulsaram os espanhóis, que se deslocaram para o Leste da ilha. Posteriormente o rei Luiz XIV fundou a colônia francesa de Saint Domingue. Os colonos começaram a acudir, e um decreto real autorizou a importação de escravos. Estes chegaram em tal quantidade que de pronto viu-se a população branca submergida sob aquela onda de negros. Em fins do século XVIII havia em Saint Domingue 30.000 brancos e 400.000 escravos.

Os princípios de liberdade e igualdade proclamados pela Revolução Francesa, em 1789, produziram um vigoroso movimento pela abolição da escravidão e o reconhecimento dos direitos de cidadãos a que se opunham os latifundiários. Em 1792 se rebelariam, e dois anos mais tarde conseguiriam a abolição da escravidão.

Toussaint L'Ouverture, antigo escravo que ganhara o posto de general do exército francês, foi o governador de Saint Domingue; convocou uma Assembléia e se autoelegeu governador vitalício. Napoleão então primeiro cônsul da França, enviou um exército sob o comando de seu cunhado Leclerc, para submeter L'Ouverture. Este foi vencido e enviado prisioneiro à França, onde morreu. Seu lugar tentante, Dessalines, tomou o mando e conseguiu vencer os franceses, proclamando em 1804, a independência da República de Haiti.

Dessalines, intrépido e ambicioso nomeia-se rei e mais tarde imperador, com o nome de Jacóbo I. Ditou uma constituição que concentrava todos os poderes na sua mão. Dividiu a sociedade em duas classes: os soldados e os

camponeses. Logo procedeu à divisão dos sítios rurais e organizou o trabalho forçado. Finalmente suas violências e excessos provocaram uma revolta durante a qual encontrou a morte. Succedeu-lhe Henri Cristophe, que também como o seu antecessor tomou o título de rei, porém ganhou daquele em crueldade e despotismo. Simultaneamente no oeste da ilha criava-se uma república com Alejandro Petión como presidente.

Henri Cristophe governou até 1820. Não pôde dominar uma insurreição provocada pelas suas crueldades e suicidou-se. Conta-se que quando revistava as obras do castelo que fez construir para sua sede, percebeu que 50 homens tinham dificuldade em transportar um pesado tronco. Henri Cristophe ordenou que fuzilassem 10 deles e exigiu que os 40 levantassem o tronco. Não podendo fazê-lo ordenou novamente o fuzilamento de mais 10. Em seguida pediu aos homens restantes que levantassem o tronco sob a ameaça de fuzilar mais 10. Não foi preciso fazê-lo, pois os 30 homens transportaram o tronco até o cume do monte Citadel, onde ia se levantar a fortaleza.

A morte de Petión em 1818, succedeu-lhe Boyer, que por sua vez succedeu a Henri Cristophe, unificando desta maneira o país.

Em 1822 o presidente Boyer invadiu o território dominicano e o anexou ao seu país. Governou até 1843 e pouco depois proclamou-se em Santo Domingo a República Dominicana.

Durante mais de doze anos os governantes haitianos tentaram restabelecer sua dominação sobre a parte central da ilha. Neste período os presidentes se suce-

deram rapidamente. O país somete na anarquia e começam os levantes em todo o território. Em 1915 o encarregado dos negócios norteamericanos chama a frota de seu país a Port-au-Prince, a capital, onde acabam de dar-se uma insurreição. Um cruzador norteamericano ancorou frente ao porto para "proteger os interesses estrangeiros".

O capitão Caperton ocupou finalmente Port-au-Prince e impôs a Haiti um controle das finanças públicas, assim como a criação de uma guarda nacional sob ordens de oficiais norteamericanos.

A dor patriótica, causada pela ocupação, conduziu a moderar o ambiente político e os esforços inclinam-se a um só objetivo: estabilizar o panorama político e social a fim de conseguir a partida dos estrangeiros.

Em 1930 o presidente haitiano Stenio Vincent, realizou meritórios esforços para facilitar as negociações para a desocupação estadunidense. Em julho de 1934 embarcou o último dos soldados ocupantes.

A vida política do Haiti, a mais velha das repúblicas americanas, parece encaminharse por uma senda de progresso. Um sentimento de unidade nacional confirmou-se em 1954, ao celebrar-se o 150.º aniversário da independência.

Tendo sido colonizada pelos franceses, conserva o acervo cultural daquele país. É a única república latino-americana que tem oficialmente o francês como idioma nacional.

★

(1) Célebre sociedade secreta e política da Itália, formada em princípios do século XIX. Visava o triunfo das idéias liberais e a unificação do país. Deu-se-lhes este nome porque reuniam-se nos bosques como os carociras.

(2) 26 de Julho de 1953, assalto ao quartel Mancada na província de Oriente.

(Cont. na pág. seguinte)

Noticias  
IRELLI